AGOSTO DE 2022 N. 22

A TRAÇA

Boletim do Projeto de Extensão Histórias & Memórias sobre Educação (2ª ed.)

Ilustração feita pelo estudante Cezar Augusto Oliveira Camparim, participante da equipe do projeto, em comemoração ao 2o aniversário do nosso Boletim.

Apresentação

Com este boletim, A Traça comemora dois anos, já!

Criado como uma das ações do projeto de extensão Histórias e Memórias sobre Educação, como uma atividade a ser desenvolvida de forma remota, devido à pandemia, se estabeleceu e deverá permanecer por muito tempo, ainda. E neste número comemorativo, também divulgamos e convidamos para nossa mini-exposição, com direito a foto...

O tema deste número comemorativo, são as Escolinhas de Arte. Iniciativa que precede até mesmo a existência da Educação Artística no currículo escolar (lei 5692/71), que já foi objeto de algumas pesquisas, mas que com certeza, tem potencial para muitas outras, ainda!

NESTE NÚMERO

A TRAÇA COMEMORA DOIS ANOS DE PUBLICAÇÃO

ESCOLINHAS DE ARTE DO BRASIL

ESCOLINHAS DE ARTE DO PARANÁ

POSSIBILIDADES DE PESQUISA RELACIONADAS À ESCOLINHAS DE ARTE

DIVULGAÇÃO

CONVITE - EXPOSIÇÃO

Organizamos uma pequena exposição no espaço do Centro de Documentação e Pesquisa em História da Educação, aberta ao público (UFPR e comunidade externa) que queira voltar um pouco no tempo e ter um contato sensível com a escola do passado.

Terças e quintas (08h30-11h00) são os horários disponíveis para visitas sem necessidade de agendamento, mas se possível, confirmem antes (eventualmente podemos ter atividade externa, relacionada ao Projeto, nestes dias).

Visitas fora dos horários especificados e em grupos maiores devem ser agendadas pelo e-mail historiadaeducacao@ufpr.br.

Docentes da UFPR podem entrar em contato com as coordenadoras do projeto, Nadia G. Gonçalves (DTPEN) e Andréa B. Cordeiro (DEPLAE).

Venham conhecer o CDPHE, e tirem uma foto em nossa exposição!

ESCOLINHAS DE ARTE DO BRASIL E DO PARANÁ

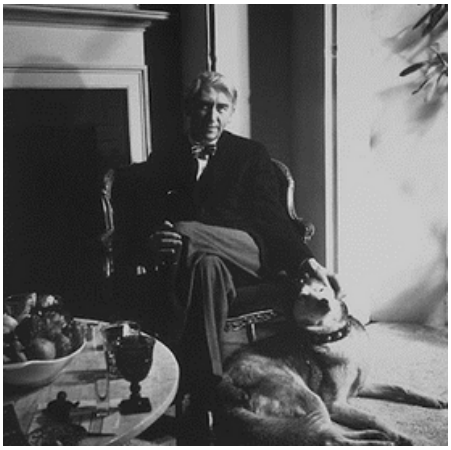
PROPONENTE PRINCIPAL DESTE MATERIAL: MOARA MILLÉO

Se você está lendo esse boletim é porque de algum modo te interessa o assunto "educação artística", seja porque você atua em uma sala de aula (de artes ou não), porque pesquisa sobre o assunto, ou porque esse tema te dá certa dose de nostalgia, ou apenas por curiosidade (e que bom!). Então, seja qual for o motivo que te leva a ler essas palavras aqui escritas, peço que faça um rápido exercício: busque lembrar-se como eram suas aulas de arte durante sua trajetória escolar e, com isso em mente, aproveite a leitura comparando, recordando e esperançando sobre o ensino de artes no Brasil. Boa leitura!

ANTES DAS ESCOLINHAS

No Brasil, as primeiras escolas especializadas em educar artisticamente crianças e adolescentes surgiram em 1930 - mas estas ainda não eram as Escolinhas de Arte que trataremos aqui no Boletim - dentre elas estão a Escola Brasileira de Arte, em São Paulo e os cursos de Anita Malfatti, que eram oferecidos no seu ateliê e na Biblioteca Infantil Municipal do Departamento de Cultura de São Paulo, e que aconteceram entre 1935 e 1938. Essas duas experiências tinham um ideal em comum: ensinar arte de maneira livre e incentivando a expressão criativa, indo em contramão às técnicas de desenhos geométricos e cópias de estampas que estavam sendo introduzidas nas escolas primárias e secundárias nesse mesmo momento do Estado Novo (SANTINI, 2021, p. 67)

Na década de 1940 começam a surgir ainda mais experiências na área do ensino de artes, com o mesmo objetivo: educar artisticamente em prol da liberdade de expressão, aguçando o gosto pela arte e formando artistas. Esse fervilhamento de ideias começa em 1941, quando o filósofo anarquista e teórico da arte inglês Herbert Read foi convidado (durante a Segunda Guerra Mudial!) pelo Conselho Britânico para fazer uma exposição de obras de arte de artistas britânicos, que partiria de modo itinerante por alguns países, incluindo o Brasil... mas transportar esse tipo de material durante uma Guerra Mundial soou arriscado demais para Read. Então o filósofo optou por selecionar desenhos de crianças de diversas escolas britânicas, e a mostra foi inaugurada dia 11 de outubro de 1941 no Museu Nacional de Belas Artes do Rio de Janeiro.



Herbert Read. Fonte: http://cabecacoletiva.blogspot.com/2007/09/herbert-read-e-educao-pela-arte.html

A exposição foi aclamada pela imprensa e pelos educadores “como uma demonstração de confiança no futuro vinda de um país destroçado pela guerra” (INEP, 1980, p. 25). E, dentre os visitantes da exposição, estava Augusto Rodrigues (um personagem muito importante para as Escolinhas de Arte e para esse boletim, você já vai descobrir porquê), que fazia parte de um grupo de estudiosos que discutiam as relações entre arte e educação, e a importância dessa aliança; deste grupo também participavam Poty Lazarotto, Lúcia Alencastro e Margareth Spencer. Essa exposição despertou nesses profissionais - e outros, incluindo educadores e educadoras - o sentimento que as crianças brasileiras também seriam capazes de produzir trabalhos artísticos desse modo. Joel Silveira, jornalista, escreveu para a Revista Diretrizes o seguinte:

> “Sábado último, no Museu de Belas Artes, a exposição dos meninos ingleses foi inaugurada. Mais de duzentos quadros que todas as escolas inglesas mandaram espalhar pelo mundo. Escolas de Londres, escolas de Southampton, escolas de Leicester, de Brighton, modestas escolas do East End e a granfina Eton, todas as escolas da Inglaterra estão diante de nós. E a gente sente que passa agora pelas paredes antigas de nosso Museu toda uma rajada de liberdade total, abundante (SILVEIRA, 1980, p. 26).”

> “Uma grande multidão encheu o Museu de Belas Artes sábado último. Todos foram ver as maravilhas dos meninos ingleses. Professores, alunos, mocinhas, artistas, rapazes, escritores, oradores, repórteres, fotógrafos, compositores populares, meninos vestidos de marinheiro, autoridades, economistas e poetas, todos estavam lá. Todos iam e voltavam diante dos quadros. Iam novamente, voltavam, cheios de admiração (SILVEIRA, 1980, p. 26).

A mostra circulou por São Paulo, Minas Gerais e Paraná. Quando chegou em Curitiba, um dos comentários feitos pela imprensa foi "estrondoso sucesso, não só nos meios artísticos como, especialmente, no mundo pedagógico, pois são trabalhos que revelam as atuais tendências espirituais da juventude britânica" (ALBIZÚ, 1942).

EXPOSIÇÃO DE DESENHOS

De escolares da Gran-Bretanha

Sob o patrocinio da Sociedade Brasileira de Cultura Inglesa, e a exemplo do que se faz no Rio e em São Paulo, inaugurou-se ontem, no hall do antigo Teatro Guaira, onde atualmente funciona a Biblioteca Municipal a Exposição de Desenhos de Escolares da Grã-Bretanha.

Mais de cincoenta desenhos foram apresentados e o interessante certame despertou a mais viva curiosidade, o que se patenteou pelo grande numero de visitas ontem mesmo realizadas.

Trecho do jornal "O Dia", edição da manhã, Curitiba, I3 de agosto de I942. Fonte: Hemeroteca Digital. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=092932&pesq=%22Exposi%C3%A7%C3%A3o%20de%20desenhos%20de%20escolares%22&pasta=ano%20I94&hf=memoria.bn.br&pagfis=47609

SUGESTÃO: publicação no blog "Mídia e Educação", sobre a exposição espanhola "A Pesar de Todo Dibujan" com desenhos feitos por crianças durante a Guerra Civil Espanhola, disponível em: https://www.midiaeducacao.com/2009/I2/guerra-civil-espanhola-vista-pelas.html

A partir dessa exposição aclamada no Brasil, Read se dedica a estudar os desenhos infantis e afirma que a criança é inerentemente criativa e pura, e não necessita de interferência alguma para manifestar as "características universais da alma humana, ainda não estragada pelas convenções sociais e por preconceitos acadêmicos" (READ. 1980, p. 28). Esses pensamentos chegam até Augusto Rodrigues que, por fim, "surge" com a primeira Escolinha de Arte do Brasil.

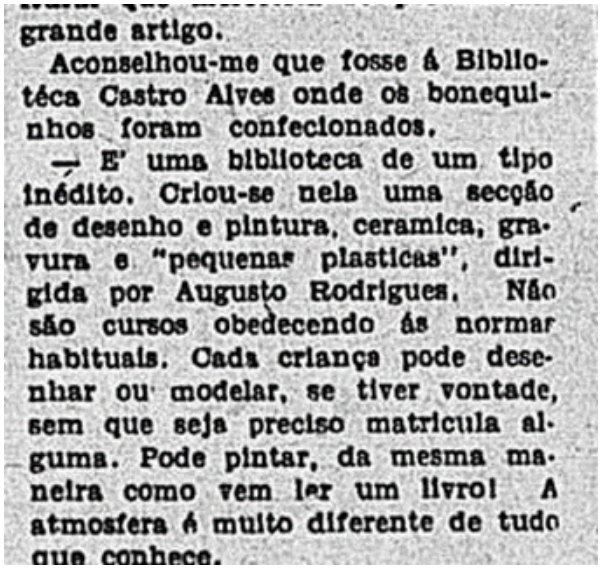
ESCOLINHAS DE ARTE DO BRASIL: UM INÍCIO

A Escolinha de Arte do Brasil (EAB) foi criada por Augusto Rodrigues em 1948, no Rio de Janeiro. Nesse momento, além de Rodrigues estar "contaminado" com as ideias de Read e discutindo fervorosamente com outros pesquisadores e educadores sobre o tema, estavam sendo veiculados no país ideais sobre a importância da liberdade de expressão artística infantil relacionados com uma busca por processos que revitalizem a educação brasileira em um período de redemocratização. Entretanto, Rodrigues mesmo afirma que

> "[...] uma escola desse tipo não tem uma data precisa de fundação. O grupinho dos primeiros alunos foi-se reunindo e a coisa foi crescendo. Mais tarde, por convenção, fixou-se a data de 8 de julho de 1948, para efeito de comemoração do nascimento da Escolinha. Mas os textos são contraditórios. Uns falam em maio, outros junho. Esse fato já caracteriza a escola que nascia. Mais importante que marcar exatamente sua fundação, era a própria vida e a experiência da escola." (Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais. Escolinha de Arte do Brasil. Brasília, 1980)

Augusto Rodrigues entre crianças- Fonte: Na Zaga e nas Artes. Disponível em: https://nazagaenasartes.wordpress.com/2012/10/15/ano-augusto-rodrigues-2013-agradecimento-teresa-cristina-rodrigues/.

Tudo começou quando Augusto Rodrigues, Margaret Spencer (artista estadunidense) e Lucia Alencastro Valentim (professora de Artes) começaram os trabalhos em um dos corredores da Biblioteca Castro Alves, inicialmente com um grupo pequeno de crianças, estimulando a livre expressão artística e a criatividade, ampliando o repertório artístico delas, apresentando e interagindo com elementos da arte e do folclore brasileiro, diversificando e intensificando o diálogo entre as artes, tudo de forma pouco convencional: as crianças eram realmente livres para exercer a própria criatividade e para, de fato, criar. No início, os materiais disponíveis para essa multi-criação eram fornecidos pelos professores, que, inevitavelmente, pagavam para dar as aulas. Materiais estes - muitas vezes até confeccionados pelos próprios professores - compunham técnicas antes pouco conhecidas, e que agora são amplamente utilizadas em escolas: lápis de cera e anilina, desenhar com os olhos fechados, pintar com os dedos, mosaicos de papel, recorte e colagem, carimbo feito de batata, desenho com raspas de giz/lápis...


grande artigo.
Aconselhou-me que fosse á Biblioteca Castro Alves onde os bonequinhos foram confecionados.
— E' uma biblioteca de um tipo inédito. Criou-se nela uma secção de desenho e pintura, ceramica, gravura e "pequenas plasticas", dirigida por Augusto Rodrigues. Não são cursos obedecendo ás normas habituais. Cada criança pode desenhar ou modelar, se tiver vontade, sem que seja preciso matricula alguma. Pode pintar, da mesma maneira como vem ler um livro! A atmosfera é muito diferente de tudo que conhece.

Trecho da matéria "O Folklore e a Criança", escrita por Yvonne Jean e publicada no Jornal Correio da Manhã (RJ), em I6 de janeiro de I949, na qual entrevistou Helena Antipoff.

"Aos domingos Augusto Rodrigues leva a sua turma de pintores ao Parque das Laranjeiras. Brinca-se ou pinta-se a vontade. Nenhuma coação, nenhum convite ao papel carbono". Foto e trecho retirados da Revista Rio, edição de I949. Fonte: Hemeroteca digital. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=I46854&pesq=%22augusto%20rodrigues%22%20%22biblioteca%20castro%20alves%22&pasta=ano%20I94&hf=memoria.bn.br&pagfis=7209

É importante frisar que a escolinha de arte não surgiu após um planejamento no papel, com passos a serem seguidos e objetivos a serem cumpridos, tampouco sua criação teve solenidades festivas. Surgiu da vontade de criar um lugar que suprisse a falta de escolas que valorizassem a criatividade e a expressão artística, um lugar para ser artisticamente livre. Não houve, também, um local muito planejado para iniciá-la, tanto que surgiu em corredores, nem muitas regras a serem seguidas "dentro" desse espaço, exceto o respeito pelo trabalho dos outros.

Crianças criando arte. Fotografia retirada do Jornal Correio da Manhã (RJ), da edição do dia I6 de janeiro de I949. Matéria "O Folklore e a Criança", escrita por Yvonne Jean. Fonte: Hemeroteca Digital. Disponível em: http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=089842_05&pesq=%22augusto%20rodrigues%22%20%22biblioteca%20castro%20alves%22&pasta=ano%20I94&hf=memoria.bn.br&pagfis=4538I

Diante da sua própria (escolinha de) arte, Augusto Rodrigues percebeu que ela chamava atenção, mobilizava interesses diversos e pessoas de formações variadas e, por isso, entendeu que deveria difundir o que havia criado, e assim surgiu, de forma natural, o que veio a se chamar Movimento Escolinha de Arte. No final de 1949, surge a primeira Escolinha de Arte fora do Rio de Janeiro, a Escolinha de Arte do Círculo Militar de Porto Alegre - que se chamava Escolinha de Desenho do Círculo Militar - fundada por Major Fortunato e Edna Sóter, que trabalharam na Escolinha do Rio de Janeiro e tiveram como objetivo recria-la de maneira idêntica. A partir de então, surgiram por todo o Brasil - e na Argentina, Paraguai e Uruguai também! - Escolinhas que "seguiam o modelo" da primeiríssima, aquela dos corredores da biblioteca: em 1950, Isabel Rocha Braga funda a Escolinha de Arte de Cachoeiro do Itapemirim, em 1953, D. Noemia Varela e Ulisses Pernambucano fundaram a Escolinha de Arte do Recife e em 06 de junho de 1957 é fundada a Escolinha de Arte do Colégio Estadual do Paraná (ou Escolinha de Arte do Paraná), por Lenir Mehl.

ESCOLINHAS DE ARTE NO PARANÁ

A Escolinha de Arte do Paraná surgiu no Colégio Estadual do Paraná (CEP) em um momento em que o colégio estava fazendo uma movimentação voltada para a formação integral dos alunos, que, para isso, participavam de diversas disciplinas, incluindo a de Desenho e das Artes Aplicadas, que foram se juntando às atividades extracurriculares, como as da Escolinha, que por sua vez visava o "desenvolvimento artístico e o ajustamento emocional e social do educando através da autoexpressão" (MEHL, [1962?]). Lenir Mehl, primeira diretora da Escolinha, trabalhava com os alunos durante o tempo que eles tinham vago, no porão do Colégio, desenvolvendo atividades de desenho, pintura, cerâmica e modelagem.

Crianças e adolescentes na Escolinha de Artes do CEP. Acervo: Colégio Estadual do Paraná. Disponível em: https://www.cep.pr.gov.br/Pagina/Escolinha-de-Arte

Apesar de terem como princípio o fomento a liberdade de expressão infantil, a Escolinha de Artes do CEP teve papéis distintos conforme os projetos educacionais de cada período. Por exemplo, durante o projeto das Classes Integrais - nos anos 1960 - a Escolinha ofertava cursos artísticos de Desenho, Música e Artes Aplicadas, uma vez que esse modelo visava a formação integral que deveria levar o aluno a atingir o máximo desenvolvimento em todos os sentidos e ser parte do progresso da sociedade da época (SANTINI, 2021), sempre com a ideia de adaptar o currículo às especificidades da época, dentre elas a fase da industrialização, urbanização, avanços científicos, assim como às condições dos alunos.

Além das atividades realizadas na escolinha, outras Atividades Complementares voltadas para a Educação Artística também foram oferecidas no CEP entre 1968 e 1979 como o Desenho, a Educação Artística, a Educação para o Lar, a Educação Técnica Manual, as Artes Industriais, a Banda de Fanfarra, o Coral e o Teatro.

PARA SABER MAIS: A dissertação de Suderli de Oliveira Lima trata como objeto de sua pesquisa as atividades complementares do Colégio Estadual do Paraná entre as décadas de 1960 e 1970, tendo como objetivo compreender o currículo da instituição relacionado ao pensamento pedagógico da época.
Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/20687

Atualmente, o Colégio Estadual do Paraná continua desenvolvendo atividades voltadas às artes, são elas as: aulas de decalque em cerâmica e porcelana, desenho artístico, desenho e pintura, desenho mangá, desenvolvimento do olhar para o desenho básico, figurino, fotografia cinematográfica básica, fotografia e audiovisual, modelagem em argila, mosaico, origami, técnicas de pintura, técnicas mistas (pintura, colagem, desenho...), dança contemporânea (DANCEP), dança de salão, tango, banda sinfônica (Banda Sinfônica Bento Mossorunga do CEP), coro, pandeiro e percepção rítmica, piano, violão, violino, voz e expressão, teatro (GRUTA e GRUTINHA, grupos de teatro) e pesquisa teatral. Todas essas atividades abrem inscrições para alunos, funcionários e professores do CEP, além de disponibilizarem as vagas remanescentes para a comunidade em geral, que não tem vínculo com o Colégio.

POSSIBILIDADES DE PESQUISA

As Escolinhas de Arte, tanto as paranaenses quanto as brasileiras, são excelentes objetos de pesquisa para a História da Educação, justamente por contemplarem diversos âmbitos da educação, desde a formação de professores para a área - tópico investigado por Ricardo Carneiro Antônio na sua tese intitulada "Arte na educação: o projeto de implantação de escolinhas de arte nas escolas primárias paranaenses (décadas de 1960 - 1970)", que utiliza como fonte para a sua pesquisa fotografias, jornais, relatórios e os próprios desenhos infantis. Assim como no artigo de Ceres Luehring Medeiros e Moysés Kuhlmann Júnior, que leva o título "O Centro juvenil de Artes Plásticas e a Formação de Arteeducadores na década de 1950", que, por sua vez, utiliza como fonte diversos documentos institucionais como relatórios, livros-ponto, matrículas, além de fotografias e trabalhos de alunos.

Além disso, também é um campo de pesquisa as relações entre as disciplinas extracurriculares e a arte educação, como pesquisou Jacyara Batista Santini na sua tese de doutorado intitulada "Educação e Arte no Colégio Estadual do Paraná: entre disciplinas e atividades extracurriculares (1950-1980)", a autora utilizou diversas fontes, dentre elas documentos oficiais, artigos de periódicos paranaenses, periódicos do CEP, atas, regimento interno, relatórios, normas e legislações educacionais, currículos, projetos de ensino, fotografias e alguns depoimentos de professores e alunos do período pesquisado no Colégio(SANTINI, 2021).

As relações e repercussões de uma educação vinculada às artes também são um objeto de pesquisa, como tratado nos estudos de Herbert Read e Augusto Rodrigues - que desenvolveram sua pesquisa observando as repercussões da própria Escolinha de Arte - ou no artigo de Marcos Vilella Pereira "Pesquisa em Educação e Arte: A Consolidação de um Campo Interminável" que relacionando textos produzidos pela arte-educadora Noêmia Varella, mostra que o campo ainda tem, de fato, muito a ser explorado.

REFERÊNCIAS

ANTONIO, R. C., OSINSKY, D. R. B. Exposições de arte infantil: bandeiras modernas pela construção do novo homem. **Acta Scientiarum Education**. v. 32, n. 2, p. 269-285, Maringá, 2010. Disponível em: https://periodicos.uem.br/ojs/index.php/ActaSciEduc/article/view/9777. Acesso em: 26 de jul. 2022.

BARBOSA, A. M. (org.); **História da Arte-educação**. Editora: Max Limonad. São Paulo, 1986.

COSTA, F. C. B. A Contribuição do Movimento Escolinhas de Arte no Ensino de Arte em Santa Catarina. **Revista NUPEART**, vol. 8. Florianópolis, UDESC, 2010. Disponível em: https://www.revistas.udesc.br/index.php/nupeart/article/view/3068. Acesso em: 26 de jul. 2022.

ENCICLOPEDIA ITAÚ CULTURAL. **Escolinha de Arte do Brasil** (EAB). Rio de Janeiro, 2015. Disponível em: https://enciclopedia.itaucultural.org.br/instituicao209047/escolinha-de-arte-do-brasil-eab. Acesso em: 20 de jun. 2022.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS EDUCACIONAIS - INEP. **Escolinha de Arte do Brasil**. Augusto Rodrigues (Coord.) Brasília: INEP, 1980.

LIMA, S. P. F. de. **Escolinha de arte do Brasil:** movimentos e desdobramentos. UNESP, São Paulo, 2012.

LIMA, S. O. Colégio Estadual do Paraná como centro de irradiação: uma análise de suas atividades complementares (Décadas de 1960-1970). UFPR, Curitiba, 2009. Disponível em: https://hdl.handle.net/1884/20687. Acesso em: 17 ago. 2022

KUHLMANN JÚNIOR, M.; LUEHRING MEDEIROS, C. O Centro juvenil de Artes Plásticas e a Formação de Arteeducadores na década de 1950. **Revista Diálogo Educacional**, v. 9, n. 27, p. 249-265, 2009. Disponível em: https://periodicos.pucpr.br/dialogoeducacional/article/view/3562. Acesso em: 7 jul. 2022.

PEIXOTO, M. F. Do A. **Escolinha municipal de arte de Pelotas e suas bases metodológicas**. PPGAV - UFPEL Porto Alegre, 2016.

PEREIRA, M. V. Pesquisa em Educação e Arte: A Consolidação de um Campo Interminável. **Revista Iberoamericana de Educación**. N.º 52, p. 61-80, 2010. Disponível em: https://rieoei.org/RIE/article/view/576/1084. Acesso em: 07 de jul. 2022.

SANTINI, J. B. **Educação e Arte no Colégio Estadual do Paraná**: entre disciplinas e atividades extracurriculares (1950-1980). 2021. Tese doutorado no Setor de Educação-UFPR, Curitiba, 2021. Disponível em: https://acervodigital.ufpr.br/handle/1884/72531?show=full. Acesso em: 26 de jul. 2022.

Equipe

COORDENAÇÃO DO PROJETO

Nadia Gaiofatto Gonçalves (DTPEN-ED)
Andréa Bezerra Cordeiro (DEPLAE-ED)

EQUIPE

Anne Gabriela de Cristo Machado (História - Bolsista Extensão)

Bruno Augusto Pedroso de Souza (História - Bolsista Fundação Araucária)

Cezar Augusto Oliveira Camparim (História - Bolsista Fundação Araucária)

Emanuel Diogo Lima dos Santos (História)

Isabelle Cristina Salomão (Pedagogia)

Moara Milléo Baracat de Siqueira (Pedagogia)

Nathália Selau (História)

Nathaly de Moraes Dias (História - Estagiária - Arquivo do Setor de Educação)

Paula Pretto Oening (História - Bolsista Extensão)

Rafaela Zimkovicz (História)

Rhangel dos Santos Ribeiro (História)

CONTATO E REDES SOCIAIS

E-mail: historiadaeducacao@ufpr.br
Facebook: https://www.facebook.com/historiasememoriased
Instagram: https://www.instagram.com/historiasememoriased/

Nossas publicações, inclusive este boletim, estão disponíveis em: http://www.educacao.ufpr.br/portal/centro-de-documentacao-e-pesquisa-em-historia-da-educacao/publicacoes-do-cdphe/